

O QUE É EDUCAÇÃO MIDIÁTICA? UM CAMPO DE INTERAÇÃO ENTRE CINEMA E EDUCAÇÃO

WHAT IS MEDIA EDUCATION? THE INTERFACE BETWEEN CINEMA AND EDUCATION

¿QUÉ ES LA EDUCACIÓN EN MEDIOS? UN CAMPO DE INTERACCIÓN ENTRE CINE Y EDUCACIÓN

JOSÉ LEITE DOS SANTOS NETO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
SÃO CARLOS, SÃO PAULO, BRASIL
JLSANTOSNETO21@GMAIL.COM
HTTP://ORCID.ORG/0000-0001-9102-315X

RESUMO: O presente artigo discorre sobre as interfaces entre cinema, mídia e educação e tem como objetivo discutir tendências da educação midiática para a escola do século XXI. Considera-se o contexto da linguagem audiovisual e cinematográfica como componente central para a definição desse conceito. Elementos da mídia moderna, através do seu poder de persuasão, de maneira intencional ou não, contribui para o ensino e a formação do sujeito. A partir de uma abordagem qualitativa, realizou-se uma revisão integrativa da literatura, que se direcionou por questões sobre recepção dos conteúdos com o enfoque para o audiovisual, ressaltando que, o sujeito não é passivo diante do que acessa, mas que tais referências tendem a contribuir com o seu posicionamento político e ideológico. Versou-se também sobre os pressupostos históricos da experiência britânica que, colaboraram significativamente para a compreensão da Educação Midiática enquanto instrumento para formação plena do sujeito. Este estudo reforça a tese de que o elemento audiovisual é um produto de caráter extremamente educativo e, que, frente as mudanças sociais e tecnológicas, a disciplina de Educação Midiática no currículo escolar, se faz necessária para a escola. Nesse contexto, a mídia como um instrumento arrojado da cultura se torna um instrumento capaz de levar ao autoconhecimento e criar representações involuntárias que, como significação e parte da visão de mundo, pode orientar a ação do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Educação midiática. Mídia e educação. Cinema e educação. Tecnologia e educação.

ABSTRACT: The present research discourses about the interfaces between cinema, media and education and aims to discuss trends in media literacy for the school in the 21st century. The audiovisual and cinematographic language context has been considered a central component to define this concept. Elements of the modern media, through their persuasion power, whether intentionally or not, contribute to teaching and human development. Drawing from a qualitative approach, an integrative literature review was carried out, which was guided by questions about the reception of contents with a focus on audiovisual, emphasizing that the subject is not passive in the face of what he accesses, but that such references tend to contribute to its political and ideological positioning. The research has also presented the theoretical assumptions of the British experience that collaborated significantly with the comprehension of Media Education as a tool for the human formation. This study reinforces the thesis that the audiovisual element is an extremely educational product and that, in the face of social and technological changes, the subject of Media Education in the school curriculum, is vital for school. In this context, the media as a bold instrument of culture becomes an instrument capable of leading to self-knowledge and creating involuntary representations that, as a meaning and part of the world view, can guide the people's action.

KEYWORDS: Media education. Media and Education. Cinema and education. Technology and education.

RESUMEN: La presente investigación, ubicada entre las interfaces de cine, medios y educación, tiene como objetivo discutir las tendencias en la educación en medios para la escuela del siglo XXI. El contexto del lenguaje audiovisual y cinematográfico se considera como una especificidad central para la definición de este concepto. Los elementos de los medios modernos, a través de su poder de persuasión, ya sea intencionalmente o no, contribuyen a la educación y capacitación del tema. Basado en un enfoque cualitativo, se llevó a cabo una revisión integral de la literatura, que se guio por preguntas sobre la recepción de contenido con un enfoque en el audiovisual, enfatizando que el sujeto no es pasivo frente a lo que accede, sino que tales referencias tienden para contribuir a su posicionamiento político e ideológico.

También abordamos los supuestos históricos de la experiencia británica que, colaboraron significativamente para la comprensión de la Educación en Medios como un instrumento para la formación completa del tema. Este estudio refuerza la tesis de que el elemento audiovisual es un producto extremadamente educativo y que, ante los cambios sociales y tecnológicos, la disciplina de la Educación en Medios en el currículo escolar es necesaria para la escuela. En este contexto, los medios como un instrumento audaz de la cultura se convierten en un instrumento capaz de conducir al autoconocimiento y crear representaciones involuntarias que, como significado y parte de la visión del mundo, pueden guiar la acción del sujeto.

PALABRAS CLAVE: Educación mediática. Medios y educación. Cine y educación. Tecnología y educación.

INTRODUÇÃO

A proposta temática desse artigo surgiu de discussões e debates sobre as potencialidades e os limites para a inserção de uma educação midiática crítica na educação escolar. Considerou-se, nesta pesquisa, a dimensão da mídia moderna enquanto linguagem. Isso visa assegurar uma formação crítica e consciente diante das mudanças e transformações sociais e tecnológicas, principalmente no que se refere aos meios de comunicação.

No limiar do século XX o mundo passou por diversas mudanças em aspectos políticos, sociais econômicos e culturais. No Brasil destaca-se, ainda que lentamente o início de um período de desenvolvimento tecnológico e de modernização, que pode ser percebido através do crescimento de centros urbanos em decorrência de investimentos em indústrias e a consequente redução dos postos de trabalho no meio rural. No universo cultural realça-se a capacidade da criação e assimilação simbólica que a junção das técnicas de áudio e vídeo desenvolveram e que convencionou-se chamar de cinema.

Para tanto, o objetivo desse artigo é discutir tendências da educação midiática para a escola do século XXI. Considera-se que, a compreensão da linguagem cinematográfica como elemento de formação e leitura da realidade é a base para a concepção de educação midiática. Desse modo, este ensino tenciona para a formação crítica e consciente do sujeito frente a ligeireza com que os conteúdos dos mais diversos formatos são propagados. Isso contribui para a formação do imaginário social do sujeito através da influência sobre decisões, tendências, gostos, ou direcionando escolhas.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, através de uma revisão integrativa e teve como direcionamento as implicações do uso da mídia na educação escolar que, combinado com literatura específica sobre a temática cinema e educação, educação midiática e mídia na educação, identificou-se mudanças de paradigmas que são adotados para a utilização do recursos midiáticos em sala de aula.

A técnica da imagem e som, compreendida como uma linguagem vanguardista da mídia moderna, evidencia que, principalmente as mídias de grande alcance assimilaram a linguagem cinematográfica, por exemplo, a televisão e o computador, principalmente quando combinados com a *internet*. Esse fenômeno tornou possível o acesso aos conteúdos audiovisuais por meio da convergência dos meios de comunicação e da transmídia, o que facilita o acesso aos conteúdos midiáticos por diversos dispositivos. Chama-se a atenção para esse aspecto não pelo fato do acesso em múltiplas plataformas, mas pelo produto que é disponibilizado e que tem suas bases em uma linguagem consolidada, que também é entendida como sinônimo do que é real.

O equipamento cinematográfico, quando entendido como arte, se parece com uma máquina de fazer sonhos, criar outros mundos, ensinar sobre novos temas, ampliar o conhecimento prévio, assim como representar a realidade. Com sua linguagem particular, esta

máquina que possibilita a comunicação de mensagens com diversas entonações, ao evoluir, desencadeou o aperfeiçoamento de sua forma de fazer comunicação. Como resultado desse desenvolvimento, essa técnica passou a ser assimilada por diversas mídias, como televisão, computadores, celulares, jogos e outras tecnologias. E assim, cria-se o mundo do fantástico, do surreal e de tudo aquilo com que o espectador se identifica, não só no campo do entretenimento, mas também na expressão de valores morais, ensinamentos e descoberta de conhecimentos, que através da convergência dessa linguagem amplia o seu alcance.

Essa evolução da linguagem do cinema nos dá pistas para compreender que o conceito de educação midiática, embora seja bastante amplo, emerge da evolução das técnicas da linguagem cinematográfica no sentido de explorar morfologicamente o que a mídia disponibiliza.

Para cumprir o objetivo proposto, a discussão será abordada em três partes. Iniciou-se pelo que convencionou-se chamar de “Recepção de conteúdos e formação da cultura audiovisual”, na qual discute-se a evolução histórica da linguagem cinematográfica e a sua presença no cotidiano como elemento de destaque da cultura. Na sequência apresenta-se a experiência da educação midiática no Reino Unido, que contribui para compreender os pilares para a educação midiática enquanto prática na educação escolar. E por fim, discute-se a compreensão sobre a concepção de Educação Midiática, que considera o ensino e a criticidade dos conteúdos a partir do estudo da linguagem audiovisual como ponto de partida, e que leva em consideração o desenvolvimento histórico e social apresentados.

A RECEPÇÃO DE CONTEÚDOS E A FORMAÇÃO DA CULTURA AUDIOVISUAL

O audiovisual ocupa um papel de destaque na cultura. Ele é educativo, mas não se resume apenas à diversão e ao entretenimento. Os estímulos midiáticos cercam a população a todo instante, o que a torna a mídia um componente de grande importância em termos culturais. A televisão, por exemplo, como uma dessas plataformas mais difundidas da mídia, se alia a popularização da *internet* que ampliou a facilidade de acessar conteúdos em diversos formatos.

Dentre as possibilidades de acesso, há a assinatura de plataformas de filmes através da tecnologia de *streaming*, canais por assinatura, canais abertos, *websites* dentre outros. A assimilação da linguagem cinematográfica em diversos meios de comunicação possibilita presenciar a essência do cinema em outras mídias. O cinema não é acessível para todos, não apenas devido ao preço do ingresso, mas também pela disponibilidade física de salas de projeção. No Brasil, de acordo com o IBGE (2015), mostra que apenas 10% dos municípios possuíam salas de cinema, e majoritariamente concentrados na região sudeste. Entretanto, as pessoas também se ocupam de jogar *videogame*, navegar na *internet* e assistir à televisão — atividades que assimilaram a linguagem cinematográfica e que, assim como o cinema, também reproduz filmes, que podem ser acessados por aparelhos móveis, como *smartphones* e *tablets*.

Tais dispositivos têm como características de destaque a mobilidade e flexibilidade temporal e espacial que permite o acesso, criação e compartilhamento de conteúdos, informações e entretenimento de maneira rápida e prática. A tecnologia de rede de dados móveis favorece essa prática e ocupa um espaço considerável nas atividades do cotidiano, assumindo um traço importante na cultura na medida que amplia a abrangência de tais recursos.

É necessário frisar que mídia aqui, refere-se a uma variedade de recursos que tornam possível a transmissão de informações como a televisão, o rádio, a *internet*, as mídias impressas/digitais, as estampas de produtos, as músicas e também o cinema. São os recursos de comunicação

que estão ganhando cada vez mais espaço no cotidiano e que, independentemente do veículo a que se tenha acesso, são objetos de importância para a formação do imaginário do espectador. Trata-se de veículos de comunicação de cunho popular que, no decorrer da história, foram se articulando de modo a facilitar o acesso à linguagem cinematográfica, também conhecidos como mídia de massa.

Para compreender a ascensão da mídia, é fundamental fazer um recuo histórico para constatar a evolução e junção de técnicas através da “Teoria em V”, descrita por Montón (2009), na qual os meios de comunicação de áudio e de vídeo se estruturam em dois blocos evolutivos que se juntam em um vértice: de um lado a linha das imagens e, de outro, a linha do áudio.

A linha das imagens se inicia em 1826 pela fotografia; em 1895, o cinema mudo; em 1926, o cinema sonoro; em 1932, o cinema colorido; em 1953, o cinema em relevo; em 1971, o Sistema *Dolby*; em 1973, o Cinema Esférico *Onimax*; em 1980, Cinema + Vídeo; em 1984, imagens pelo computador. Do outro lado, temos a linha do áudio que se inicia em 1838, pela telegrafia; em 1876, a telefonia; em 1879, o disco; em 1896, a radiotelefonia; em 1920, a radiodifusão; em 1926, a televisão; em 1956, o vídeo; em 1962, a TV satélite; em 1968, a realidade virtual; em 1970–1990, a HD-TV; em 1980, o CD; em 1982, o CD-ROM.

Essas duas linhas criaram uma interdependência progressiva na medida em que se desenvolveram, com imagem e som interligados, tornando os objetos de mídias muito próximos. Como continuação dessa evolução destaca-se a *internet* e a televisão formando as plataformas de *streaming* na primeira década do século XXI, e se fazem cada vez mais presentes no cotidiano.

Ao longo da história da linguagem cinematográfica, há uma metamorfose no modo de se fazer comunicação social, seja mídia impressa, televisão, radiofônica, cinematográfica ou até mesmo a *internet*. Tais transformações se desdobraram em outros meios de se comunicar e criaram uma interação entre mídias, de modo que o mesmo conteúdo, com variações ou não, possa ser abordado em diferentes plataformas. Essas modificações do modo de transitar um mesmo conteúdo em diversas mídias é o que Kwon e Byun (2016) conceituam como transmídia. Especificamente esse conceito refere-se aos mesmos conteúdos que navegam entre um dispositivo de mídia e outro e podem ser complementares, embora tenham o mesmo enredo. Nesse caso o conteúdo transcende de uma mídia para outra oferecendo novas informações. Cada plataforma possui modos particulares de narrar. Por exemplo, os produtos derivados de um livro, como filme e jogos, fazem parte da concepção de transmídia.

Já no que se convencionou chamar de convergência da mídia, o acesso a um mesmo conteúdo não sofre alteração quando transita em plataformas diferentes. Através da convergência é possível acessar o mesmo filme por uma plataforma de *streaming* por meio da televisão ou por um aplicativo em um *smartphone*. Aquilo que o sujeito teria acesso apenas em casa, agora é possível acessar enquanto se desloca de um lugar para outro por meio de dispositivos portáteis.

Possibilidades de acesso aos conteúdos da mídia cercam o sujeito a todo momento. São estímulos sonoros e visuais que ocorrem através mensagens variadas que podem influenciar no imaginário social. De maneira sutil, as ideias emitidas em uma mensagem audiovisual, passam pelo crivo do espectador e ele as interpretará a partir das suas experiências e visões de mundo. Porém, para o espectador leigo, fazer a distinção de que as mensagens audiovisuais são recortes de um ponto de vista ou uma representação, não é um processo simples. Nem todos estão habituados a questionar a veracidade das informações ou das intenções daquele tipo de pensamento veiculado em telejornal, telenovela ou mesmo em um filme, devido a maneira envolvente e convincente que a informação pode ser tratada através dos recursos que se utilizam nesta linguagem. Há uma característica cultural que considera o audiovisual como verdade devido ao seu percurso histórico. Este é também o pilar que sustenta a prática de *fake news*.

Um simples questionamento pode-se levar a pensar em outras possibilidades, por exemplo, enxergar outro ponto de vista, observar os fatos por outro ângulo, obter outras opiniões, ao invés de apenas aceitar a opinião emitida sobre os fatos e acontecimentos. Nesse sentido, defende-se aqui a importância da Educação Midiática em uma perspectiva crítica, que o espectador/sujeito seja instrumentalizado a questionar, concordar e até contrapor ideias que estão sendo comunicadas e que reforçam rótulos negativos, principalmente quando refere-se a minorias.

Um exemplo dessa prática midiática que reforça estereótipos é a representação do caipira e do mundo rural. Tolentino (2001), em sua análise sobre o Jeca Tatu — personagem de Monteiro Lobato que Mazzaropi se baseou — mostrou que a imagem que se tem do Jeca é negativa. Tomando como base tais filmes, observa-se que “a figura do nosso caipira se compõe desse homem preguiçoso, indelicado, que é capaz de desperdiçar o leite para fazer valer sua opinião ou supremacia em relação à mulher” (TOLENTINO, 2001, p. 102). Ainda em suas análises, a autora observa que a representação do Jeca se refere a um sujeito artiloso embutido de uma falta de ética.

Nos filmes da PAM [Produções Amácio Mazzaropi], Mazzaropi representaria os tipos ingênuos, atrapalhados, mas, sobretudo, daria forma ao tipo caipira, ao qual conferiria uma imagem grotesca que a partir de então se converteria numa espécie de protótipo do homem pobre rural, ou daquele que não está em dia com os códigos da modernidade: o tal indivíduo sem traquejo social de que fala Aurélio Buarque de Holanda na sua definição dicionarésca do vocábulo caipira. (TOLENTINO, 2001 p. 96).

Essas representações caricatas se tornam clichê, principalmente quando tratadas com ironia. Por exemplo, a imagem que se atribui ao caipira em “O Jeca Macumbeiro” (1974), Turma da Mônica no episódio “O caso do Burrico” (2004), no filme “Tapete Vermelho” (2006) ou mesmo na telenovela “Êta Mundo Bom” (2016), possuem praticamente as mesmas características. Isso ocorre devido à reprodução sistemática e progressiva que se consolida pela mídia, criando um ideário sobre indivíduos, etnias, grupos sociais, ou mesmo dando forma à imaginação, no que se refere a representações de criaturas mágicas, divinas, maléficas, dentre outras. Tais representações, criadas para os personagens caipiras, possuem a mesma entonação descrita por Tolentino (2001) e que continuam a circular por mais de 40 anos.

Para Fantin (2009), a experiência do espectador também envolve a memória e a imaginação, que a torna subjetiva. No mesmo sentido, Setton (2011, p. 35) pondera que “elementos relativos aos determinantes de classe, gênero, etnia, religião são, a todo tempo, filtros dos processos de recepção e ressignificação das mensagens, sejam homogêneas ou padronizadas”, isto é, apesar da intenção, a ideia que se pretende transmitir pelo cinema ou qualquer outra mídia não necessariamente corresponde ao modo como o sujeito vai se apropriar enquanto significado para si. A percepção sobre as diversas formas possíveis para a recepção de conteúdos, neste caso a recepção do audiovisual, não é homogênea. O mesmo filme pode conduzir a diferentes percepções e entendimentos para alunos em uma mesma sala de aula. O que é entretenimento para determinado grupo social pode ser ofensivo para outros, e pode ser interpretado erroneamente.

As mensagens transmitidas pela mídia são produtos construídos com a utilização de uma linguagem própria, que se vale da criatividade, com suas próprias regras para se expressar, o que possibilita uma diversidade de compreensões no que se refere à recepção, pois são construídas a partir de um ponto de vista. Setton (2011) exemplifica tal apropriação através das novelas: enquanto um grupo tem acesso a tais programas, em função da sua condição social possibilitar e utilizar isso como meio de entretenimento, um sujeito de outro grupo social, em função da sua

carga cultural, ao ter acesso ao mesmo conteúdo televisivo, pode se apropriar de valores que até então não conhecia. Uma mesma programação televisiva produz sentido de maneira diferente no espectador, guiado por sua trajetória e por seus ideais adquiridos previamente por meio de relações externas que ele possui.

Neste sentido, Elias (2008) pontua que as reações dos sujeitos não são passivas diante da realidade: o sujeito que recebe uma informação ou vivencia determinadas situações, pode agir de uma maneira que ultrapasse a expectativa para o fim idealizado. Assim, entende-se que, em relação a educação midiática, defende-se o domínio da leitura da linguagem que permeia esse universo, desvelando os reais significados e o seu impacto na sociedade, os mecanismos utilizados para ditar padrões e, assim, contribuir para democratização da informação e comunicação, bem como possibilitar o entretenimento.

A EXPERIÊNCIA BRITÂNICA COM A EDUCAÇÃO MIDIÁTICA

A educação midiática no Reino Unido é um elemento que foi inserido no currículo das escolas britânicas há mais de 25 anos, possuindo uma trajetória considerável em seus aspectos sociais e culturais sobre a forma de pensar o uso de filmes para a educação.

Essa tradição se inicia a partir do pensamento do filósofo britânico Matthew Arnold que se dedicou a democratização do ensino. De acordo com Buckingham (2016, p. 73), “ele olhou para a educação cultural como um meio de defender a própria civilização”. Ao pensar o ensino sobre a cultura popular como uma aproximação deste ideal, foram elaboradas as primeiras propostas de ensino particularizadas na mídia partindo do jornalismo, ficção popular e publicidade.

As mudanças de paradigmas da educação, especialmente na década de 1970, resultaram em novas linhas de pensamento, que consideravam “a semiótica, o estruturalismo, a teoria psicanalítica e as teorias marxistas de ideologia” (BUCKINGHAM, 2016, p. 75). Nessa seara, há o precursor, o professor Len Masterman da Universidade de Nottingham, na Inglaterra.

Embora Masterman fosse altamente crítico do que ele considerava como o elitismo acadêmico da teoria de *Screen*, seus livros *Teaching about Television* e *Teaching the Media* compartilham suas preocupações centrais com a linguagem, ideologia e representação. O objetivo principal aqui foi revelar a natureza construída de textos midiáticos, e, assim, mostrar como as representações da mídia reforçam as ideologias de grupos dominantes na sociedade (BUCKINGHAM, 2016, p. 75).

Historicamente a educação midiática se constituiu sob uma base defensiva em dois movimentos distintos: um referindo-se a questão do valor cultural e dos conteúdos da mídia que incidem sobremaneira a vulgarização das artes; outro voltado para a questão ideológica presente na mídia e o combate a falsas crenças e doutrinações. De modo resumido, tais tendências objetivaram defender os alunos dos efeitos nocivos dos meios de comunicação. Isso foi parte de um movimento por democratização do ensino e popularização da educação que teve como objetivo atingir as classes populares que sofriam a imposição de uma cultura elitista; para tanto foram pensadas estratégias que “[...] refletem o crescente reconhecimento de que o currículo acadêmico tradicional era inadequado para a grande maioria dos estudantes, em especial para os estudantes da classe trabalhadora” (BUCKINGHAM, 2016, p. 76).

As motivações para a educação midiática tomaram como pressupostos o poder de influência da mídia em caráter extremamente negativo no qual as crianças em função de sua vulnerabilidade estão sujeitas diretamente as manipulações. Nas palavras do autor:

Ensinar as crianças sobre a mídia — permitindo-lhes analisar como os textos midiáticos são construídos e entender as funções econômicas das indústrias da mídia — é visto como uma forma de “empoderamento” a fim de resistir a tais influências. Nesse processo, argumenta-se, as crianças se tornariam consumidores racionais, capazes de ver a mídia de uma maneira “crítica” e distanciada. (BUCKINGHAM, 2016, p. 76).

Na década de 1990 as discussões iniciam uma abordagem que considera o aluno como um sujeito mais autônomo e não totalmente suscetível e passivo diante dos efeitos da mídia, considerando também que a abordagem protecionista atingia o aluno de maneira superficial. Essa nova abordagem,

[...] adota uma perspectiva mais centrada no aluno, que começa a partir do conhecimento existente dos jovens e a sua experiência com os meios de comunicação. Ele não tem por objetivo proteger os jovens da influência dos meios de comunicação, levando-os para “coisas melhores”, mas permitir-lhes tomar decisões conscientes por si mesmos (BUCKINGHAM, 2016, p. 78).

As mudanças sociais e culturais resultaram em mudanças da política educacional e na cultura escolar. Mesmo sob embates e resistência, a mídia como parte do mundo moderno foi reconhecida como uma das habilidades necessárias para o desenvolvimento pleno do cidadão, assim como o reconhecimento da matemática ou da ciência.

Durante os anos 1990 e 2000, a educação midiática foi institucionalizada de uma forma inédita. Ela fazia parte do currículo nacional para Língua Inglesa e colocada como um pequeno elemento de algumas outras disciplinas, tais como História e Línguas Modernas; enquanto isso, houve uma expansão significativa na aceitação dos Estudos Midiáticos, um curso eletivo para alunos do final do ensino secundário (BUCKINGHAM, 2016, p. 79).

No ano de 2010, em razões políticas e sob críticas disseminadas como uma disciplina menos “séria”, a educação midiática foi extinta do currículo escolar. Neste sentido concorda-se com Buckingham (2016, p. 82) que “as escolas deveriam, obviamente, fazer muito mais para desenvolver a compreensão crítica e as habilidades criativas que permitam aos jovens tirar máximo proveito das mídias que dominam o mundo deles”.

A perspectiva britânica sobre as bases em que se consolidaram a Educação Midiática no Reino Unido oferece pistas para pensar um conceito de Educação Midiática que entenda os efeitos nocivos e benéficos que a mídia pode oferecer. Para isso, pauta-se em uma perspectiva de educação que instrumentalize o sujeito a se tornar um leitor da mídia com a capacidade de se apropriar do máximo de informações das plataformas ou dispositivos de mídia do qual tenha acesso, especialmente audiovisuais.

O CONCEITO DE EDUCAÇÃO MIDIÁTICA

No Brasil, a mídia se intensifica com a popularização da televisão na década de 1960 (HIGUCHI, 2008). Como desdobramento desse processo, os meios de comunicação criam uma tradição iletrada, que absorve os conteúdos midiáticos sem muitas vezes passar por um senso crítico. O cinema e a televisão despertam nas pessoas a vontade de entender o mundo através

destes recursos pela sua facilidade e comodidade (KAHIL, 2008). Essa característica da mídia de massa indica a necessidade de uma atenção da escola sobre a formação do sujeito frente as mídias.

Existem diversas ramificações sobre a discussão da alfabetização voltada para as mídias visuais, televisivas, cinematográficas, informativas, que de acordo com Buckingham (2007) cria a noção de múltiplas alfabetizações. Para as novas formas de se comunicar e transmitir mensagens, requer-se uma cultura de competência comunicativa que contemple a dimensão da mídia enquanto linguagem. Considerando a dinâmica da mídia nas suas mais diversas plataformas, considera-se a dimensão da linguagem audiovisual que compreende a Educação Midiática que contribui para a formação crítica em relação à mídia e potencializa a aprendizagem.

É indispensável, primeiramente, fazer a distinção entre alfabetização midiática (*Media Literacy*) e educação midiática para a criticidade mídia com enfoque na linguagem. Esta última que versa este artigo, pois essa concepção visa principalmente ampliar o conhecimento cultural, adquirir uma visão crítica da mídia através do audiovisual e desconstruir padrões depreciativos reforçados pelos meios de comunicação.

O conceito de *Media Literacy*, dentre outras compreensões, está associado à ideia de *multiliteracy*, que no sentido literal da tradução significa as “múltiplas formas de Alfabetização”, o que também envolve o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). À vista disso, Burn e Durran (2007) conceituam a *Media Literacy* como uma categoria dentro da noção de *Multiliteracy*.

O termo Alfabetização Midiática, traduzido do inglês *Media Literacy*, não é satisfatório para definição do conceito. Há mais de uma mídia envolvida nesta discussão e a tradução da palavra *Literacy* como Alfabetização, no sentido utilizado em português, atribui ao conceito significado literal de modo que limita a ideia que *Media Literacy* se propõe. O termo está conectado também à ideia da literatura impressa e ao modo como as pessoas se relacionam e se engajam com a mídia de maneira mais ampla. Neste sentido, Wilson *et. al.* (2013) destacam que a alfabetização midiática em sua variedade de abordagens, adota diferentes nomenclaturas por autores no mundo todo, por exemplo: 1) Alfabetização midiática; 2) Alfabetização informacional; 3) Liberdade de expressão e alfabetização informacional; 4) Alfabetização no uso de bibliotecas; 5) Alfabetização no acesso a notícias; 6) Alfabetização computacional; 7) Alfabetização no uso da internet; 8) Alfabetização digital; 9) Alfabetização cinematográfica; 10) Alfabetização no uso de jogos; 11) Alfabetização televisiva e; 12) Alfabetização publicitária.

A ideia da alfabetização, de modo geral, remete ao aprendizado do alfabeto, aquisição gramatical e desenvolvimento das habilidades para codificação e decodificação de palavras e, assim, esperamos que essa decodificação possibilite interpretação, compreensão e produção de conhecimento.

A etimologia da palavra permite-nos entender a alfabetização como o processo de aquisição do alfabeto ou de apreender “[...] o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever”, “[...] o sentido da palavra composta das duas primeiras letras do código grego” ou ainda como ato ou efeito de alfabetizar, de ensinar as primeiras letras; iniciação no uso do sistema ortográfico; processo de aquisição dos códigos alfabéticos e numéricos, letramento (COELHO, 2011, p. 61).

A alfabetização enquanto um conceito em transformação, envolve a utilização da linguagem e da comunicação, o que possibilita novas formas de socialização do indivíduo. Ao utilizar esse conceito, remete-se à ideia de um processo de aprendizagem no qual são

desenvolvidas as habilidades de leitura e de escrita, e isso funciona como um código de comunicação na sociedade. E em relação à alfabetização midiática, a que de fato se refere?

Para Buckingham (2003), o entendimento e o uso da nomenclatura alfabetização/educação midiática é cultural e cada grupo social tem diferentes apropriações deste conceito. É possível que existam diversas alfabetizações midiáticas que envolvam diferentes funções e consequências. O formato de acesso tanto à alfabetização, de modo geral, como à mídia, não é homogêneo, o que pode mudar a forma como cada um se apropria dessa concepção.

A ideia de alfabetização midiática é amplamente utilizada para se referir ao ensino e aprendizagem que proporciona o desenvolvimento das habilidades de acessar, analisar, criar e utilizar as mídias de forma consciente. A palavra mídia, como um termo genérico, refere-se aos meios eletrônicos, digitais ou impressos com fins de comunicação. Estes elementos alvejam a alfabetização midiática como a habilidade de compreensão, análise e síntese dos conteúdos comunicados pela mídia para além do mero manuseio de recursos.

No entanto, o conceito de mídia refere-se tanto a jornais impressos, revistas, telejornais, portais de *internet*, como também à televisão e ao cinema — que são formatos de apresentação de conteúdos completamente distintos na sua forma de comunicar uma mensagem e que atingem públicos diferentes. Isso reforça a alfabetização midiática como uma ideia envolta de maior complexidade de formas e recursos do que imaginamos. Sendo o cinema considerado como precursor da mídia moderna em função da técnica de sua linguagem, é possível perceber a necessidade de compreensão da alfabetização midiática como um processo mais amplo que apenas as habilidades de acessar ou de utilizar as mídias.

Desta forma, compreende-se que a educação midiática, mais que um treinamento, ela deve envolver análise, avaliação e, principalmente, interpretação e reflexão crítica, diferenciando as várias mídias, e, sobretudo, envolvendo um entendimento amplo do contexto social, econômico e institucional dos meios de comunicação. Isso é a capacidade de analisar criticamente os conteúdos comunicados. A questão que permanece para Buckingham (2003) é como defini-la de modo que seja possível ensiná-la nas escolas.

Reflete-se também que o objetivo da educação midiática é contribuir com os sujeitos para desenvolverem o hábito de questionar e a habilidade de expressar as suas próprias necessidades e o pensamento crítico. A mídia é um instrumento que constrói mensagens em uma variedade de formatos, cada qual com suas particularidades, porém repletos de pontos de vista e juízos de valor. Por isso a importância da criticidade, das habilidades analíticas, da capacidade de comunicação e expressão do próprio pensamento. Ou seja, usar a mídia de forma consciente e efetiva torna o sujeito hábil para julgar a credibilidade de informações provenientes de diferentes meios.

Na história do cinema no Brasil há uma tendência à utilização do audiovisual para propaganda e para a indução do comportamento. Historicamente, essa linguagem é utilizada como um instrumento de dominação ideológica. Isso reforça a característica de uma cultura midiática dúbia estabelecida, e instrumentalizar criticamente o seu uso se faz necessário. Porém, a questão sobre como trabalhar com a educação midiática no ambiente escolar, ainda é uma preocupação do ponto de vista pedagógico.

A mídia pode construir, transformar e direcionar o conhecimento que se acessa, refletindo diretamente na subjetividade do sujeito. Por isso, entende-se que a educação midiática deve atuar no desenvolvimento de competências para ampliação do conhecimento e da cultura. Isto é, desenvolver a capacidade de receber informações, colocar questões, desenvolver a crítica social, dando voz ao sujeito, tomando como base a compreensão de que o papel da escola é também promover a capacidade de falar, ouvir e discutir, no intuito de preparar o aluno para

o exercício da cidadania. Neste sentido, ao defender a educação midiática na perspectiva da educação escolar, concorda-se com Saviani (2010, p. 62) que:

A escola, assumindo a função que lhe é específica, a de ensinar, deve propiciar às classes populares a conquista do saber sistematizado. Isso exige, evidentemente, dos educadores, um compromisso político, que deve expressar-se na sua capacidade de ultrapassar as aparências e captar distorções — o que é impossível sem o domínio do conteúdo a ser trabalhado e dos métodos e técnicas que possibilitem sua transmissão-assimilação/apropriação.

Assumindo o audiovisual como um componente que caracteriza a sociedade e entendendo a sua estrutura carregada de conteúdo, informações e ideias, que contribuem com a formação, evidencia-se a importância da escola em possibilitar o domínio deste recurso. É principalmente no sentido de captar distorções que entendemos a educação midiática deve ser trabalhada como linguagem no processo de escolarização.

A sua popularização, seja devido aos recursos tecnológicos ou mesmo à convergência e à transmídia, possibilitam a transição de conteúdos e a ampliação de informações de maneira simplificada. Devido a essa característica midiática, é preciso buscar uma forma de uso e apropriação destes recursos por parte da escola, que seja crítica e consciente. Isso enfatiza a necessidade de pensar em uma educação que contemple a competência comunicativa e instrumentalize os alunos a acessar, entender e comunicar nesta variedade de contextos midiáticos.

A educação midiática para além de engajar o aluno no universo dos meios de comunicação enquanto uma linguagem que precisa ser apropriada, e que vise à ampliação dos conhecimentos por meio do aprofundamento do conteúdo comunicado, ela também deve desenvolver habilidades de buscar novos conhecimentos para que se possa atualizar e, ao mesmo tempo, analisar a credibilidade das fontes encontradas.

O audiovisual deve compor o currículo escolar, não apenas como um recurso ou um instrumento auxiliar para o processo de ensino e aprendizagem e sim como uma linguagem que agrega uma competência comunicativa para o sujeito, preferencialmente mediada a partir da interdisciplinaridade, isto é, assegurando a comunicação entre as diversas áreas do currículo escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do início desse artigo a discutir tendências para a educação midiática para a escola do século XXI, pauta-se em uma perspectiva de ensino crítico dos conteúdos, que considera linguagem cinematográfica como base para esse estudo e, tencionou-se para as possibilidades de explorar tal morfologia na perspectiva da educação escolar.

Destaca-se aqui, a título de conclusão que a educação midiática é também compreendida através de diferentes perspectivas e abordagens. Por exemplo, a utilização de filmes para o ensino; o ensino através da produção de filmes e roteiros; ensino com a utilização de vídeos como recursos pedagógicos; e, por fim, a perspectiva adotada nesta pesquisa, que consiste na educação midiática que considera a linguagem do cinema. Entrelaçado em um emaranhado de opções, que possibilita ensinar, educar, entreter e também desinformar, o processo de convergência da mídia tende a trazer novo significado para o processo de ensino e aprendizagem.

As questões para a discussão aqui apresentadas tecem a definição da perspectiva teórica de uma Educação Midiática que considera a linguagem do audiovisual enquanto ferramenta

para o processo educativo e aporte promissor para o ensino. Mais especificamente, busca-se estimular a criticidade e ultrapassar a compreensão de questões do senso comum comunicados pela mídia que, reforçam estereótipos e distorcem a realidade.

Para além de buscar conclusões sobre uma definição de educação midiática, ressalta-se aqui que, a apropriação e o uso social do cinema reforçam a tese do audiovisual como um produto extremamente educativo. Um dos seus usos se deu enquanto uma ferramenta que auxilia no universo da educação, atuando nos processos de ensino e aprendizagem, criando referências e construindo um imaginário social. Essa utilização ultrapassa o limite da educação escolar.

A convergência da linguagem cinematográfica assimilada pela mídia moderna superou o deslocamento físico, sobretudo pela via da *internet*, através de redes sociais, *blogs*, *websites*, grupos e fóruns de discussões. Há uma facilidade em publicar vídeos emitindo opiniões, criar tutoriais, gerar conteúdos e até discutir questões como forma de refutar ou apoiar argumentos apresentados por veículos de comunicação de grande circulação. Do mesmo modo, é possível colocar em pauta questões de grupos sociais específicos para discussão.

Desse modo, entende-se que o drama da *internet* é possibilitar a promoção da inépcia na mesma proporção que do conhecimento. A educação é uma ferramenta essencial para evitar extremismos e um dos papéis da educação é o de conter relativismos, por isso a escola, além de promover a educação na sua forma mais elaborada, deve desenvolver o pensamento crítico. Desse modo, considera-se que os meios de comunicação — que também são meios de formação — necessitam de uma utilização didática e pedagógica que não deem margem ao uso que possibilite a leitura errônea ou equivocada da realidade.

Diante das possibilidades de utilização e atuação dos meios de comunicação e seus possíveis desdobramentos, como a construção de ideias e sua inculcação no imaginário social, compreende-se que instrumentalizar os espectadores para o senso crítico perante o audiovisual é um processo que exige treino, assim como ler e escrever. A visão crítica diante da mídia é, também, um processo que se constitui em uma educação midiática e/ou audiovisual.

Portanto, a linguagem dos meios de comunicação como uma linguagem do século XXI, demanda também uma alfabetização para o seu uso crítico e consciente, que aqui define-se como educação midiática crítica. Ainda que este seja um elemento presente no cotidiano, a formação escolarizada para tal fim direcionará para a utilização profícua deste recurso.

REFERÊNCIAS

BUCKINGHAM, David. A evolução da educação midiática no Reino Unido: Algumas lições da história. **Comunicação e Educação**, ano XXI, n. 1, p. 73-83, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/110715/112710>. Acesso: nov. 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v21i1p73-83>

BUCKINGHAM, David. Digital Media Literacies: rethinking media education in the age of the Internet. **Research in Comparative and International Education**, v. 2, n. 1, p. 43-55, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/238449252_Digital_Media_Literacies_Rethinking_Media_Education_in_the_Age_of_the_Internet. Acesso: nov. 2017. DOI: <https://doi.org/10.2304/rcie.2007.2.1.43>

BUCKINGHAM, David. **Media Educations: Literacy, learning and contemporary culture**. Cambridge: Polity Press, 2003.

BURN, Andrew. DURRAN, James. What is Media Literacy? In: BURN, Andrew. DURRAN, James. **Media Literacy in Schools: Practice, Production, Progression**. London: Sage, 2007.

COELHO, Sônia Maria. **A alfabetização na perspectiva histórico-cultural**. Acervo digital da UNESP. 2011 Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40139/1/01d16t04.pdf>. Acesso: set. 2018.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Tradução: Maria Luísa Ribeiro Ferreira. 3ª. edição. Lisboa: Edições 70, 2008.

FANTIN, Mônica. Cinema e imaginário infantil: a mediação entre o visível e o invisível. **Educação e Realidade**, v. 34, n. 2, p. 205-223, maio/ago., 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/9357>. Acesso: out. 2015.

HIGUCHI, Kazuko Kojima. **Literatura, Comunicação e Educação**: um romance em diálogo com a mídia. São Paulo: Cortez, 2008.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos estados e dos municípios brasileiros**: cultura - 2014. Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95013.pdf>. Acesso: set. 2016.

KAHIL, Samira Peduti. Meio Técnico-Científico informacional: Comunicação, Educação e Democratização Política. In: CONCEIÇÃO, Fernando (Org.) **Educação Comunicação e Globalitarismo**: a partir do pensamento de Milton Santos. Salvador - BA: Ed. EDUFBA, 2008.

KWON, Young-Sung; BYUN, Daniel H. An exploration of the concept of Transmedia Storytelling in the United States and South Korea: A systematic analysis. **The International Journal of Multimedia & Its Applications (IJMA)**, v.8, n. 6, december 2016. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3595197. Acesso: jan. 2018.

MONTÓN, Angel Luís Hueso. O homem e o mundo midiático no princípio de um novo século. In: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FREIGELSON, Kristian (Org.). **Cinematógrafo**: um olhar sobre a história. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

SAVIANI, Nereide. **Saber escolar, currículo e didática**: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e Educação**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

TOLENTINO, Célia Aparecida Ferreira. **O rural no cinema brasileiro**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

WILSON, Carolyn et. al. **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

SOBRE O AUTOR

José Leite dos Santos Neto: Pós-doutorando em Educação na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), com período sanduíche no Instituto de Educação da Universidade de Reading, no Reino Unido. Graduado em Pedagogia e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. Membro da Sociedade Brasileira de Estudos do Cinema e Audiovisual (SOCINE). Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Educação do Campo - GEPEC/HISTEDBR.

Agradecimentos: Agência de Fomento Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO

SANTOS NETO, José Leite dos. O que é educação midiática? Um campo de interação entre cinema e educação. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, p. 156-168, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18227/2675-3294repi.v1i0.6528>. E-ISSN: 2675-3294

Submetido em: 14/06/2020

Revisões requeridas em: 07/07/2020

Aprovado em: 04/08/2020